

"Alemães condicionam futuro da CEE" in Cadernos de Economia (Março 1990)

Source: Cadernos de Economia. Revista de Análise. dir. de publ. Morgado, Manuela. Janeiro/Março de 1990, n° 10; Ano III. Lisboa: Promeios.

Copyright: (c) Cadernos de Economia

URL: [http://www.cvce.eu/obj/"alemaes_condicionam_futuro_da_cee"_in_cadernos_de_economia_marco_1990-pt-5f079b9b-ecbc-4683-a49b-aec46d40ff4e.html](http://www.cvce.eu/obj/)

Publication date: 18/09/2012

Alemães condicionam futuro da CEE

[...]

Passando agora à CEE. Como se sabe, a Comunidade está neste momento a passar por um período de desenvolvimento sem precedentes desde que existe. A União Económica e Monetária, o Mercado Interno, a Integração Social, a coesão económica e social, o objectivo de igualar os níveis de desenvolvimento dos países membros, tudo isto são objectivos enormes que a CEE tem. Neste momento, perante os acontecimentos de Leste, põe-se a questão de saber se eles servem para reforçar ou, pelo contrário, para enfraquecer a CEE. Pessoalmente, penso que tudo depende do que a Alemanha escolher. Ou a Alemanha resolve actuar em relação aos países de Leste sozinha, ou resolve actuar através da CEE. Penso que ainda não é clara a opção da Alemanha. Os franceses querem, evidentemente, a segunda hipótese. Quer o presidente da Comissão, Delors, quer o presidente Mitterrand, fazem o possível para que isto seja um argumento a favor do reforço da CEE, mas os alemães ainda não se pronunciaram com muita clareza. Se os alemães resolverem ir pela via bilateral, integram a República Democrática Alemã na Alemanha, actuam perante os países de Leste sozinhos. Podem-no fazer em termos económicos, não sei se em termos políticos será tão fácil. E a Europa enfraquecerá, porque sem a Alemanha não há Sistema Monetário Europeu, sem a Alemanha a coesão económica e social não funciona porque não há fundos. Os alemães, como se sabe, são os grandes contribuintes para o Orçamento da Comunidade. Neste caso a CEE não avança.

Se os alemães optarem pela segunda hipótese, a de colaborarem com a Comunidade e de preferirem que seja a Comunidade, no seu conjunto, a actuar nos países de Leste, a Comunidade refortalecer-se-á. Mas é claro que isso só será possível se forem os alemães a mandarem na Comunidade. Tudo está, portanto, nas mãos dos alemães e não se sabe ainda bem o que se passa na Alemanha. Eles próprios talvez também não saibam muito bem, pois há movimentos populares difíceis de controlar, os partidos da extrema direita, por exemplo, tiveram 10% dos votos. Estas pressões nacionalistas podem levar o Governo Federal a preferir a primeira via em relação à segunda. Pessoalmente, sou de opinião que a CEE está na mão dos alemães, ou talvez da população alemã que se manifesta na rua todos os dias. Pode-se pensar num sistema monetário europeu sem a libra, mas não se pode pensar num sistema monetário europeu sem o marco. Podemos pensar na coesão económica e social sem a contribuição dos ingleses, mas não podemos pensar na coesão económica e social sem a contribuição dos alemães. É por isso que, repito, eu penso que tudo está nas mãos dos alemães, e, pessoalmente, não sei fazer previsões sobre o que vai acontecer.

Põe-se, então, a questão, de tudo isto que poderá resultar para Portugal? Em meu entender, podemos ser tocados nas exportações, nos auxílios financeiros, nos investimentos directos e na emigração. Nas exportações, no cenário que tracei, penso que a curto prazo, de dois ou três anos, não teremos que sofrer muito com estas perturbações. Continuaremos a ter um tratamento preferencial na Comunidade, a exportar mais ou menos aquilo que exportamos agora, e esses países não nos farão uma grande concorrência, embora comecem a aparecer alguns subcontratos, por exemplo, para peças de automóveis e coisas desse estilo, mas não é a curto prazo que vejo grandes problemas. A médio prazo já vejo algumas perturbações porque uma parte dos investimentos que provavelmente viriam para Portugal, nomeadamente nas indústrias de automóveis e componentes ou noutras de metalomecânica, poderão preferir os países de Leste se tiverem conseguido alguma ordem económica e tranquilidade política.

Como disse, penso que com alguns países como a RDA e a Checoslováquia isso pode acontecer já daqui a dois ou três anos (na Polónia mais tarde), pois esses países têm mão-de-obra mais qualificada que a nossa, têm infra-estruturas que não são más, têm equipamentos que podem ser facilmente reconvertíveis. A título de exemplo, na Polónia há duas ou três fábricas de automóveis que não são eficazes mas que podem ser reconvertidas com alguma facilidade para fazer montagem de automóveis ou componentes. Na Hungria produzem-se autocarros, na RDA automóveis, e essas produções podem ser objecto de reconversão rápida. Estes países, a médio prazo, vão, pois, trazer grandes problemas ao nosso desenvolvimento industrial. A longo prazo somos todos optimistas, a economia europeia vai crescer muito por causa dos países do Leste, portanto nós beneficiaremos do seu crescimento, mas isso só será daqui a 10, 15 anos, ou mais. Em conclusão, quanto às exportações e aos investimentos directos não sou muito pessimista a curto prazo, sou pessimista a médio prazo e sou optimista a longo prazo.

Já quanto aos auxílios financeiros, aí é perfeitamente claro que Portugal vai perder, em matéria de auxílios do FEDER e dos outros fundos estruturais. Há tempos li numa revista as declarações de um banqueiro alemão que dizia com toda a clareza: os marcos que forem para a RDA não vêm para Portugal. Portanto nesse aspecto vamos sofrer enormemente. É evidente que até 1992 não haverá grandes problemas, mas quando tivermos que renegociar os pacotes financeiros com a Comunidade vamos ter grandes problemas. Aliás, parece que o Governo já está a sentir essas dificuldades. No âmbito da união económica e monetária os governos português, grego e espanhol já não têm o poder de negociação que tinham há uns tempos. O presidente Delors dizia mais ou menos isto em discurso que fez recentemente em Estrasburgo: «Vejam lá, senhores da Europa do Sul, não nos criem problemas, porque neste momento temos é que pensar na Europa do Leste».

Por fim, quanto à emigração, é evidente que emigrar para a Alemanha neste momento é impossível, pois estão a braços com o fluxo dos alemães de Leste. Qualquer dia começará, porventura, o fluxo de polacos e romenos. Mas a partir de 1993 vamos ter liberdade de circulação de mão-de-obra, se os países da Europa Ocidental não voltarem para trás.

Concluirei dizendo que, nos aspectos comerciais e de investimento, estou convencido que, durante alguns anos, teremos uma vantagem competitiva em relação aos países do Leste, pelo menos em mercados como o da França e talvez da Espanha. Nos outros países vamos ter, provavelmente, a concorrência dos polacos, mas, como disse, na parte ocidental da CEE penso que teremos algumas possibilidades. Relativamente às possibilidades da emigração portuguesa, também não sou muito pessimista.

Intervenção oral na APEC – Janeiro de 1990